



Confronto suavizado



► Otto Wucherer (1820-1874)

Enquanto a historiografia tradicional descreve a gênese da parasitologia médica como o embate entre vencedores e vencidos, ou entre uma visão científica e outra metafísica, historiador propõe interpretação inovadora e demonstra que os representantes dos dois lados desse debate possuíam boas evidências e argumentos

Fernanda Marques



Em 1866, Otto Wucherer – médico português, filho de alemão e radicado na Bahia – protagonizou pioneira contribuição à medicina tropical no Brasil: verificou que a hipoemia intertropical (hoje chamada de ancilostomíase ou ‘amarelão’) era causada por vermes, observados no intestino de escravos baianos. No entanto, a descoberta científica não foi bem recebida pela comunidade médica local e nacional, encontrando resistências tanto na Escola Baiana de Medicina como na Academia Imperial de Medicina. Instalou-se, assim, um confronto entre uma medicina racional, baseada na observação, e outra metafísica, representada pelos opositores de Wucherer. Em resumo, é dessa forma que a historiografia tradicional descreve a gênese da helmintologia médica no Brasil.

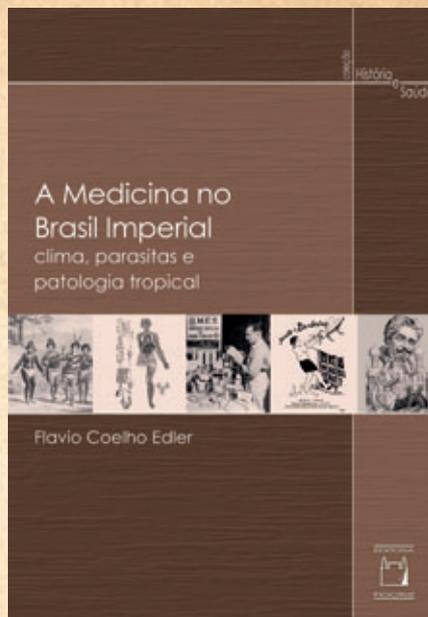
O historiador Flavio Coelho Edler, professor e pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), discorda da descrição. Quando iniciou seus estudos sobre o tema, esperava encontrar, de fato, dois pontos de vista em oposição, mas não um confronto entre ciência e irracionalidade. Ele pretendia analisar o episódio não em termos de vencedores e vencidos, num triunfo da razão científica. Afinal, aqueles que se opunham aos vermes como a causa da hipoemia intertropical deviam ter bons argumentos, não em comparação ao conhecimento médico atual, mas em relação aos saberes e ao contexto da época.

“A historiografia tradicional era anacrônica, isto é, olhava o passado com a perspectiva do presente e, quase sempre, considerava a ciência médica do passado como inferior, à luz dos conhecimentos mais recentes. Essa historiografia buscava identificar os precursores, aqueles cujos trabalhos, com o passar do tempo, se revelaram válidos. O problema é que, nessa busca por ‘heróis’, muitos médicos e cientistas eram descritos como mais próximos de nós do que, de fato, eles eram”, explica Edler. “Eu queria seguir outro percurso de pesquisa: pretendia estudar o debate entre duas visões médicas diferentes que coexistiram numa determinada época, em vez de resumir esse debate à emergência de uma visão lógica que, necessariamente, veio para se sobrepor a uma visão obscurantista”, destaca.

O percurso proposto por Edler se inseria em uma corrente que começara a ganhar força na década de 1980, quando a história das ciências e da medicina – campo até então explorado, sobretudo, por cientistas e médicos – tornou-se alvo da atenção também de historiadores e cientistas sociais. A principal novidade é que a história passou a ser interpretada não mais a partir da ciência atual, mas das relações entre as práticas científicas e a sociedade da época.

Se o percurso de pesquisa de Edler era inovador, seus resultados foram igualmente originais. Como esperado, os ditos opositores de Wucherer – ligados à climatologia médica, que associava às doenças a aspectos climáticos, ambientais e telúricos, assim como aos miasmas – não eram irracionais nem metafísicos: eles constituíam o paradigma dominante em meados do século 19 e baseavam suas explicações nos conhecimentos então disponíveis sobre a fisiologia humana. A grande surpresa, porém, foi que Edler não identificou duas visões médicas em franca oposição, como fazia crer a literatura produzida anteriormente sobre o tema.

“Na tentativa de compreender aqueles que se confrontavam com Wucherer, acabei verificando que não havia um confronto de fato, ou me-



lhor, que esse confronto era suavizado”, conta Edler. Os documentos estudados pelo historiador mostraram que os defensores da climatologia médica não negavam que os vermes poderiam ter um papel na doença. Muitos viam o trabalho de Wucherer como uma questão em aberto, sobre a qual ainda não havia evidências suficientes para uma decisão categórica. Para alguns, os vermes seriam um dentre os muitos fatores causais da enfermidade. Para outros, os vermes não seriam uma causa, mas uma consequência da complicação dos sintomas. “A geração espontânea era uma teoria em voga naquela época. Então, não era incomum pensar que os vermes surgiam espontaneamente a partir de órgãos doentes”, contextualiza o pesquisador.

Esse cenário, nas palavras de Edler, caracterizava um “duplo pertencimento”, em que médicos buscavam conciliar a teoria climatológica com as observações experimentais da parasitologia helmintológica. E esse duplo pertencimento pode ser atribuído também ao próprio Wucherer. “Ele, igualmente, transitava entre os dois paradigmas. Há documentos, por exemplo, em que Wüchner descreve a tuberculose segundo o padrão climatológico”, ilustra o historiador. “Na interpretação que eu proponho, as duas visões médicas não eram, à época, incomensuráveis”.

O historiador caracterizou a gênese

da helmintologia médica como um novo campo que buscava não se contrapor, mas ser reconhecido junto às instâncias consolidadas na época, como a Academia Imperial de Medicina, a climatologia e a ciência médica europeia. Sobre este último aspecto, Edler salienta que havia uma sintonia entre o pensamento médico na Europa e no Brasil, onde os médicos estavam bastante afinados com a reforma do ensino. Era um momento em que se pretendia a conciliação entre a medicina clínica e hospitalar, então dominante, e a parasitismo e a medicina laboratorial, em processo de emergência.

Muitos estudiosos tiveram como objetivo definir os marcos de ruptura entre uma medicina não científica e uma medicina científica no Brasil. Existem vários trabalhos que periodizam essa passagem. A maioria considera Oswaldo Cruz um grande “herói” e marco inicial da medicina científica. Apresentação semelhante costuma ser feita sobre Wucherer. E foi justamente a necessidade de rever esse tipo de interpretação que motivou o estudo de Edler.

“Classicamente, esses momentos de ruptura são descritos como ‘diálogo de surdos’, onde o ‘herói’, com espírito de vanguarda, é incompreendido pelas mentes obscurantistas de sua época”, afirma. “As minhas conclusões apontam em sentido diferente. Não verifiquei esse ‘diálogo de surdos’”. Toda essa discussão é apresentada no livro *A medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*, recém-publicado pela Editora Fiocruz, no âmbito da coleção *História e Saúde*. 🌸



▶ O historiador Flavio Coelho Edler